

**UMA PERSPECTIVA SOBRE A ATUALIDADE DA SOCIEDADE DEBORDIANA****A PERSPECTIVE ON THE CURRENTNESS OF DEBORDIAN SOCIETY****UNE PERSPECTIVE SUR L'ACTUALITÉ DE LA SOCIÉTÉ DEBORDIENNE****William Robson Cazavechia¹**<https://orcid.org/0000-0002-8045-0823>

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Pós-Graduação em Educação, Maringá, Paraná, Brasil

César de Alencar Arnaud de Toledo²<https://orcid.org/0000-0002-7813-7950>

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Fundamentos da Educação, Maringá, Paraná, Brasil

RESENHA

CECHINEL, André; MUELLER, Rafael Rodrigo (orgs.). **Formação Humana na Sociedade do Espetáculo**. Chapecó: Argos; Criciúma: EDIUNESC, 2019. 362 p.

O livro *Formação Humana na Sociedade do Espetáculo* (2019, 362 p.), organizado por André Cechinel e Rafael Rodrigo Mueller, foi publicado recentemente em parceria entre as editoras Argos e EDIUNESC e reflete o trabalho de pesquisa desenvolvido por grupos de estudos e autores de várias áreas sobre o campo da educação, a partir da interdisciplinaridade nas Ciências Humanas. Trata-se de um texto que evidencia aspectos de como as movimentações de maio de 68 revelaram um mundo autoritário e violento, inclusive no campo educacional, o que nos faz refletir sobre os “desdobramentos do espetacular”. E, por que não dizer, do autoritarismo neoliberal? Nele estão indicadas as inquietações que tal entrecruzamento desperta. São aspectos da condição da educação na sociedade atual.

¹Formado em Teologia pelo Centro Universitário de Maringá - CESUMAR (2006), em Filosofia pelo Centro Universitário Internacional - UNINTER (2019), com mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Maringá – UEM (2017) e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM. Participante do Grupo de Pesquisa sobre Política, Religião e Educação na Modernidade e pesquisador pelo grupo. E-mail: cazavechia.william@hotmail.com.

² Formado em Filosofia pela PUC/PR, de Curitiba (1978), com mestrado em Educação pela UNIMEP de Piracicaba (1987) e doutorado em Educação pela UNICAMP, de Campinas (1996). Departamento de Fundamentos da Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, campus de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa sobre Política, Religião e Educação na Modernidade. E-mail: caatoledo@uem.br.

Conforme a *Apresentação* (p. 11-14), o mote, indicado no próprio título do livro, diz respeito ao reconhecimento da atualidade da obra, especificamente do livro *La Société du Spectacle* (1967), de Guy Debord (1931-1994), obra considerada um clássico algumas décadas depois da morte de seu autor. O livro é, portanto, um exemplo singular do pensamento crítico francês da atualidade. A obra debordiana se encontra disponível na Biblioteca Nacional Francesa e contou com o apoio para a publicação na coleção *Oeuvres*, da conceituada editora *Gallimard*. No ano de 2006, a editora apresentou, em único volume, uma seleção de seus trabalhos capaz de evidenciar a totalidade e a integridade de seu pensamento. Ainda que seja ampliada essa fonte, o trabalho da editora francesa foi tomado como uma das principais referências dos textos que compõem a presente coletânea. O livro, que tem a obra debordiana como referência fundamental, é apresentado como uma proposta para se pensar o radical processo histórico de esvaziamento intelectual e político da educação na contemporaneidade.

Os autores organizadores são professores de programas de Pós-Graduação em Educação e vinculados à UNESCO. Sinalizam, com uma pequena citação na orelha do livro, a característica dominante do espetacular: um monopólio da aparência, que traz como mensagem “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A sugestão, consonante com a imagem da capa do livro, é a de que esse axioma do ‘aparecer’, para ser, implica juízo. Trata-se de um pequeno recorte do quadro central do Tríptico do Juízo Final, de Hieronymus Bosch (c. 1450-1516), pintado por volta do ano de 1482. A pequena parte do tríptico, recortada pelas dimensões da capa do livro, retrata o sofrimento humano impingido na vida cotidiana pela ira. Ao leitor, na capa, já se encontra o alerta de que o espetáculo é também a incursão da violência na vida social.

O Sumário precede a exposição dos textos organizados em três eixos temáticos. A Parte I, “*Não nos prendamos ao espetáculo da contestação, mas passemos à contestação do espetáculo*” – Guy Debord, maio de 68 e a sociedade do espetáculo (p. 15-144), foca, sobretudo, no autor e no seu trabalho conceitual. Na Parte II, “*A ação não deve ser uma reação, mas uma criação*” – Educação, mercadoria e heróis espetaculares (p. 145-254), destaca aspectos da ação educativa e do entorno educacional; os textos são ensaísticos, além de apresentar casos da Educação. Na Parte III, “*Corram, camaradas, o velho mundo está atrás de vocês*” – Espectáculo, literatura, bem-estar e morte (p. 255-354), a última parte dos conjuntos de textos, a crítica teórica, literária e historiográfica traz análises da sustentação da reflexão intelectual sobre e no fenômeno educativo. Embora esses três blocos tenham sido organizados em conjuntos de textos, os organizadores oferecem aos leitores/ pesquisadores a possibilidade da reorganização lógica dos textos, conforme os seus próprios interesses. Mesmo assim, a indicação da ampliação do campo literário, na última parte do livro, não abdica das argumentações precedentes.

Cada uma das frases em destaque, nos títulos das três partes componentes do livro, foram frases que circularam por muros e cartazes de Paris por ocasião das revoltas estudantis ocorridas em 1968. São *slogans* da *Internationale Situationniste (I.S.)*: movimento artístico e intelectual de cunho político, iniciado por Guy Debord e Asger Jorn (1914-1973), no final da década de 1950. A partir dele e no seu interior, foram definidos os aspectos teóricos que deram, em parte, sustentação às movimentações estudantis do maio de 68 francês e das movimentações na Itália entre os anos de 1960 e 1970. Em sua apropriação, como títulos das partes e da distribuição dos conteúdos do livro, ganham o sentido de uma perspectiva sobre a atualidade dos conceitos e proposições debordianas. Enquanto *slogans*, são frases que pressupunham algo em comum entre elas e seus leitores. Soavam, também, como participação de uma sensibilidade alternativa à sociedade de consumo. Por isso, a presença de um tônus norteador, de verbos imperativos, e a sensação de uma orientação subversiva. A “contestação do espetáculo”, a ação da “criação” e a rejeição do “velho mundo” pressupõem uma perspectiva da apropriação e da leitura da obra de Guy Debord, promovida pelos organizadores do livro.

A primeira parte é uma composição de textos sobre Guy Debord, sua vida e a atualidade de sua obra conceitual. A citação da frase em seu título, “Não nos prendamos ao espetáculo da contestação, mas passemos à contestação do espetáculo”, faz menção às condições da contestação, ou, em termos das análises propostas, da aproximação fidedigna ao pensamento do autor francês. Os textos reunidos no livro enunciam o caráter teórico do trabalho de Guy Debord. Seis textos exploram seu pensamento elegendo conteúdos que possam dar sustentação à compreensão do sentido original da *société du spectacle*. Cada qual ao seu modo, os autores afirmam o legado e a atualidade desse conceito. O texto de Celso Frederico, *Debord: do espetáculo ao simulacro* (p. 17-32), indica um deslocamento da expressão sociedade do espetáculo pela mídia. Com a crítica à sociedade capitalista, o conceito debordiano ganhou uma tonalidade de elogio à sociedade de massa. Para efeito de destacar o sentido verdadeiro da expressão, o autor retoma a trajetória de Guy Debord a partir das vanguardas. A crítica da arte emerge no cotidiano da sociedade capitalista e são estabelecidas as condições da crítica dos processos de separação entre os homens e seus atributos. Em *A sociedade do espetáculo, cinquenta anos depois* (p. 33-44), Anselm Jappe, biógrafo de Debord, afirma que, como estrategista, o autor francês certamente não escreveu seu texto com pretensões de que a mídia celebrasse sua crítica. O autor enfatiza que, nas fábricas italianas, Debord encontrou seus melhores leitores e que o texto foi escrito para perturbar o espetáculo. Em suas contestações, propôs avançar além das reclamações econômicas do movimento operário e as reclamações dos estudantes quanto aos conflitos no Vietnã. O espetáculo é um mecanismo social de uma nova forma de dominação de classe pelo trabalho compulsório e sua proposição é uma crítica

que não pode ser revogada. *Trauma und Träume* (p. 45-64), texto de Eduardo Subirats, fala do contexto de Guy Debord, descrito a partir das revoltas europeias as quais culminaram no que o autor chamou de Revolução de Maio de 1968. Elas trouxeram à tona uma nova vontade política e civilizadora. Em meio a essas revoltas, floresceram as contestações estéticas, éticas e políticas pela emancipação humana. O trauma a ser superado era o das ocupações soviéticas e da dominação norte-americana. O sonho era revolucionário e se direcionava para a superação do novo poder totalitário articulado pela indústria biológica e da informação. Em *Guy Debord e a psicanálise: versões do espetáculo* (p. 65-96), texto de coautoria entre Christian Haritçalde, Christian Ingo Lenz Dunker e Miriam Debieux Rosa, a ênfase repousa sobre o fato de que a produção debordiana se deu na exterioridade das instituições culturais tradicionais. As análises de Debord causam inquietação quanto à conformação da sociedade contemporânea. Feitas essas considerações, volta-se para as apropriações da psicanálise na construção da análise da sociedade como espetacular. Como representação, aparência e imagem são conceitos centrais da obra, os autores distinguem como o *détourné* de Freud é utilizado na teoria do espetáculo. Como o espetáculo é comparado ao sonho, cabe a contribuição da psicanálise para interpretá-lo. No texto de Christian Ferrer, *Meio século da sociedade do espetáculo* (p. 97-104), segundo o autor, a única realidade permitida é uma catástrofe dos sentidos pela expropriação da experiência de mundo. Enfatiza a atualidade do conceito de espetáculo e reivindica a força de sua argumentação contra as ilusões que se multiplicam com a expansão autocrática dos governos. A incessante renovação tecnológica, a imposição de uma representação sem réplica e a abolição da memória histórica ratificam as palavras de Debord e demonstram sua atualidade. O texto situado no final da primeira parte do livro, *A sociedade, o espetáculo e o espectador: uma leitura de Guy Debord à luz de Jacques Rancière* (p. 105-144), de Gladir da Silva Cabral, enfatiza a originalidade da obra de Debord. Para tanto, propõe uma confrontação dos aspectos críticos feitos sobre ela por Jacques Rancière. A representação artificial da vida da qual fala Debord, lembra o autor, foi uma subversão transposta para o cinema com o objetivo de despertar a consciência. Entretanto, a partilha do sensível, como a entende Rancière, pressupõe a superação da distância enraizada nas condições materiais da vida. O papel da arte é o de superar a passividade do público superando a realidade da distância que o separa do artista e das artes.

A segunda parte, em cujo título está a frase “A ação não deve ser uma reação, mas uma criação”, volta-se para as reflexões sobre a educação pressupondo a realidade da sociedade espetacular. Ela “busca investigar, por sua vez, a potência crítica da educação e o que significa falar em formação humana quando da crescente espetacularização e mercantilização dos espaços e processos educativos e formativos” (p. 13). Os cinco textos que compõem essa parte propõem

reflexões sobre a educação e sua prática a partir e no interior do espetáculo, a fim de superá-lo, ou, ao menos, identificar suas artimanhas. No primeiro deles, de autoria dos organizadores do livro, *Tempos espetaculares: a educação como falso negativo* (p. 147-172), a ênfase recai sobre a definição de educação espetacular. Ou seja, das instituições educacionais que prometem aos seus estudantes escapar do funcionamento da máquina, mas fazem com que optem por serem cúmplices de seu próprio infortúnio e apenas sonharem com um mundo livre da administração espetacular. Ser, no espetáculo, é ser percebido e esse novo estatuto ontológico se apresenta em uma positividade capaz de medir as relações humanas. Sua negação é a negação do individualismo alienante e o entendimento do falso negativo espetacular, como é o caso da educação plenamente assimilada pelo capitalismo. Cristiano de Sales e Joaci Pereira Furtado trouxeram reflexões com o texto *O antiespetáculo da aula: notas sobre uma artesanania num sistema fabril* (p. 173-194). “Qual a relevância da aula na vida acadêmica contemporânea?” (p. 173) é a questão por eles levantada. Os autores atentam ao toque dos afetos, em estilo ensaístico, a fim de demarcarem a crítica ao modelo padronizado pelo produtivismo acadêmico. A exigência de textos formatados por normas institucionais pressupõe o fato de que nossas aulas seguem os modelos do século XIX, com professores do século XX e alunos do século XXI. O desafio, segundo os autores, é o de afetar os alunos com os saberes milenares das universidades, o que pressupõe a própria sobrevivência das humanidades nesses ambientes. As aulas, enquanto concorrentes do espetáculo, precisam se mostrar capazes de despertar uma nova sensibilidade. Em *O capital do espetáculo e um herói espetacular*, texto de Imaculada Kangussu (p. 195-218), o espetáculo, como Debord o definiu, é a imagem materializada do capital. São as condições modernas de produção que se apresentam como uma imensa acumulação de espetáculos. Essa pequena incursão pelas definições de Debord antecede sua reflexão. O alvo do espetáculo é separar o ser humano de si mesmo. Estamos no território do desejo humano de se iludir e os fatores responsáveis por essa força do espetáculo permeiam a história desde a Antiguidade. A educação é tomada aqui como papel do esclarecimento e do rompimento com a fantasia dissimuladora. Por isso, segundo a autora, Spartacus se rebelou contra o espetáculo da arena romana, foi um herói na luta por liberdade. Alex Sander da Silva, com o texto *Da educação como mercadoria ou os novos fetiches na educação: casos emblemáticos na sociedade brasileira* (p. 219-236), retorna ao conceito de fetiche da mercadoria e apresenta um diagnóstico da mercantilização brasileira ao apontar para a luta dos trabalhadores da educação. A relação social por meio da forma dinheiro é uma relação social fetichizada. Forma que reproduz o capital e está intimamente vinculada aos interesses pela mercantilização da educação. Para tanto, precariza escolas públicas e adota política crescente de privatização da educação. No Brasil, a desregulamentação do Estado pelo neoliberalismo cumpre as duas tarefas. Entretanto, segundo o

autor, é preciso considerar a educação como resistência ao fetichismo da mercadoria. O último texto, da segunda parte, é da autoria de Fábio Lopes da Silva. O título *Claro enigma: o suicídio do reitor e a UFSC como espetáculo* (p. 237-254) já causa perplexidade; expressa o mais profundo sentido do que Debord entendia por banalização. No texto que encerra a segunda parte do livro, somos conduzidos para dentro da Operação Ouvidos Moucos, deflagrada pela Polícia Federal. O autor nos leva às dependências da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a fim de refletir sobre o significado do suicídio do reitor Luiz Carlos Cancellier de Olivio, em 2017. Especulações de corrupção e farta cobertura da imprensa pesaram sobre a consolidação da narrativa espetacular do aparelho jurídico-policial. O suicídio, dessa artimanha decorrente, não foi uma morte privada, mas um evento público. Para o autor, nossa sociedade está rendida pelo espetáculo e seus mecanismos atingem o corpo da universidade, incapaz de se rebelar diante do ocorrido. Mais do que um ataque vindo de fora da Universidade, no ano de 2017, o ocorrido foi considerado pelo autor como a evidência do que significa o espetacular na Educação.

“Corram, camaradas, o velho mundo está atrás de vocês” é a frase que compõe o título da terceira e última parte do livro. Os cinco textos que a compõem se voltam “para a relação entre os estudos literários e a sociedade da imagem e do espetáculo” (p. 13). Já no primeiro texto, *Sobre a memória na sociedade da imagem* (p. 257-280), Fabio Akcelrud Durão e Tauan Tinti se debruçam sobre o problema daquilo que nomeiam *visual turn*, o primado do óptico em relação aos outros sentidos. A questão a partir dessa virada é que, presa à percepção do indivíduo isolado pela lógica do espetáculo, a representação não prescreve sua possibilidade de introspecção. O empobrecimento da imaginação, do senso da realidade objetiva e da importância dessa realidade complementam esse quadro. A abordagem sobre os limites da representação e da imbricação entre memória e esquecimento suscitam o processo de narrativização do evento memorial. Para os autores, “se o passado é colocado como um outro, é necessário, ao contrário, mostrá-lo atuando no presente” (p. 277). Em *Circos romanos da felicidade: técnica, espetáculo e bem-estar* (p. 281-294), o autor, Christian Ferrer, no segundo texto no livro, agora na terceira parte, lança-se sobre a natureza das instituições modernas, erguidas a partir da vulnerabilidade do sujeito. Diz ele que “o ser humano não é um animal feliz” (p. 281). As transformações culturais desde a década de 1960 trouxeram as promessas políticas de um mundo libertário. Entretanto, a reivindicação de apropriação do próprio corpo foi compatível com os serviços oferecidos pelas várias indústrias. O espetáculo, assim, conquistou o futuro e o tornou presente insuperável. A eficiência urbana, a depender do mecanismo auxiliar da visão, desenvolveu a complementaridade entre a *internet* e a televisão. Estas complementam-se em uma relação espetacular de interatividade, na qual o cidadão se tornou copartícipe e refém do consumo que ele mesmo alimenta.

A proposta de Fabrício Antônio Antunes Soares, condizente com a terceira parte, reflete sobre *A didática da história: aprendizado, práxis e reconhecimento* (p. 295-318). Sua reflexão perpassa a reconstrução do pensamento de Jörn Rüsen. O autor alemão propôs um conceito de história que ultrapassasse o etnocentrismo e que abrangesse uma cultura de reconhecimento mútuo das diferenças. A didática da história é uma dialética entre práxis e ciência, de modo que o ensino de história influencie o aprendizado da história. A narrativa histórica é a ferramenta constitutiva da aprendizagem histórica. A consciência histórica, como aprendizado da história, começa quando há experiências significativas no presente. O texto de Matheus de Brito, *Para uma teoria da burrice* (p. 319-340), é organizado em torno de três argumentos apresentados pelo autor sobre a questão das condições da burrice. Burrice é definida como um valor universal que exerce função sistêmica na crítica sobre a burrice da própria teoria. Trata-se de estabelecer o nexos entre esse estado subjetivo e o objetivo da burrice. Uma espécie de autocrítica, que tem como horizonte de si o estado objetivo do mundo. “A estreiteza, aqui a burrice, é um circuito: depende da formação do ego como resposta às condições adversas da realidade, e, em seguida, do ensimesmamento que transforma o meio (*o ego*) em seu próprio fim” (p. 332). No último texto do livro, *Formação humana na sociedade do espetáculo: literatura e campo ampliado* (p. 341-354), Keli Cristina Pacheco delinea a ampla rede de significação e expansão da criação literária nas trocas estabelecidas entre o texto literário e seu contexto de leitura. Ao final há o subtópico *Sobre os autores* (p. 355-362), no qual apresenta, resumidamente, a biografia e os caminhos da formação de cada autor. Serve-nos, ainda, como apoio para a compreensão dos textos.

O livro *Formação Humana na Sociedade do Espetáculo* evidencia uma perspectiva sobre a atualidade da sociedade debordiana. Ao demonstrar os múltiplos fatores, sociais e econômicos, ambientais e psíquicos da formação humana em suas dimensões estéticas, éticas e políticas, sinaliza que os desdobramentos do espetacular se dão sobre os conceitos de autoritarismo e violência social. A partir deles, podemos explicitar as condições impostas ao exercício das atividades educativas nas sociedades neoliberais, organizadas e gestadas pelos princípios norteadores próprios das atividades empresariais. As atividades capitalistas das corporações de comunicação social e das organizações políticas, modeladas conforme as demandas da competitividade, lucratividade e do empreendedorismo, refletem diretamente sobre a Educação. Diante disso, a retomada de uma obra clássica e, ao mesmo tempo, contemporânea, como a de Guy Debord, é uma contribuição significativa para a reflexão, a prática e as definições políticas e culturais da Educação por dispor de um aparato crítico suficientemente capaz de desvelar como as relações sociais se tornaram relações mediadas por imagens. Capaz de desvelar, ainda, a complexidade da transformação da vida vivida em vida representada sob a qual o ato educativo está submetido na atual sociedade espetacular. O

livro traz, especificamente, um aporte teórico crítico dos processos de espetacularização e mercantilização da Educação, marcados, segundo os autores, pelo produtivismo acadêmico e escolar e pelo fetichismo da mercadoria. Tal provocação torna inevitável a não problematização da Educação e de seu papel na sociedade em que vivemos. Leitura recomendada!